



DESLOCAMENTOS ENTRE HISTÓRIA E PSICANÁLISE

SHIFTING BETWEEN HISTORY AND PSYCHOANALYSIS

Guilherme Zufelato*

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

guilhermezufelato@gmail.com

Quem sou eu? Um leitor.

Michel Foucault

Michel de Certeau foi um navegante. Lição de poeta, navegar é preciso. É ao mesmo tempo necessário e requer precisão. Havia nele uma exigência rara de pensamento ao reconhecimento de estranhos territórios em função de novos tesouros a serem descobertos. Cruzar mares ao encontro de ideias jamais vistas ou imaginadas, sem temer monstros fronteiriços, não é um exercício de vida fácil. É preciso coragem.

Nascido em 1925, em Chambéry, França, formou-se em Filosofia, História, Teologia e Letras Clássicas nas Universidades de Grenoble, Lyon e Paris. Jamais se enraizou, porém, num só ou noutro campo de atuação. Era, por assim dizer, *levado* a atravessar fronteiras. Criava veredas e questionamentos em busca de tratamentos satisfatórios para suas investigações em curso. Incansável, uma inteligência sem parada.

* Doutorando em História Social (bolsista CAPES) pela Universidade Federal de Uberlândia (PPGHI-UFU). Membro do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC-PPGH-UFU). Desejo agradecer às intensas *in(ter)venções*, fundamentais para mim, realizadas em conversas durante a confecção desta resenha, inicialmente, com o parceiro de doutorado e amigo, o historiador Mariano Azevedo Jr., e depois, ao mesmo tempo, com a amiga psicanalista Helena Castello Romero. Ambos leram, atenta e cuidadosamente, cada uma das linhas escritas e me apontaram proposições de outro modo impensadas. Obrigado, ainda, ao professor orientador Alcides Freire Ramos, por toda abertura a ideias.

Essa “imagem”¹ de Certeau, em certo sentido, remonta em minha mente a um questionamento – de resposta bastante feliz – realizado pelo filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995). Numa de suas obras, *Conversações*², coletânea de entrevistas, ensaios e cartas recentes sobre literatura, televisão e política, considerada uma boa introdução ao pensamento *deleuzeano*, é nomeada e apresentada - por Peter Pál Pelbart - "a força secreta de Deleuze" vertida então na seguinte ponderação, e em sua resposta: “O que pode o pensamento contra todas as forças que, ao nos atravessarem, nos querem fracos, tristes, servos e tolos? Ao que Gilles respondeu, certeunianamente: Criar”.

Michel de Certeau carregava, parece-me, espírito – e *força secreta* – semelhante. É preciso dizer que, ao longo de sua trajetória intelectual, enveredou-se, criativamente, não apenas por suas áreas de formação, mas também, pela linguística, antropologia e, de modo significativo, pela psicanálise. Foi numa dessas travessias que escreveu a obra **História e psicanálise: entre ciência e ficção**³, coletânea da qual nos ocuparemos aqui.

O que nos importará explorar, com Certeau, é o domínio dos deslocamentos *entre* história e psicanálise, *entre* ciência e ficção, também como seu corolário. Um problema filosófico – digo, epistemológico. Nada estranho para quem habitava seu ofício a partir do pressuposto da não distinção entre o próprio exercício e a elucidação de suas condições de produção. À guisa de introdução, seguem algumas considerações.

Entre boa parte dos estudiosos da área de história é, praticamente, um truísmo a citação ou menção (às vezes, da boca pra fora) sobre a escrita da história como uma “operação”. As dimensões que configuram esse *fazer história*, traduzidas pelas categorias de "um lugar social", "uma prática" e "uma escrita" são bem conhecidas por quem *faz história*. Todos evocamos, de imediato, nessas colocações a imagem de Certeau. Mas quem, porém, dos leitores e leitoras de seu tão famoso livro, *A escrita da*

¹ Apropriada, tomo de empréstimo a expressão benjaminiana com o sentido em que foi trabalhada em: BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8. Ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012 – (Obras Escolhidas v.1).

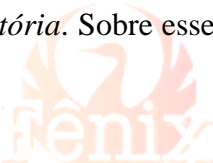
² DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

³ CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. – (Coleção História & Historiografia; 3). Ao contrário do que possa dar a entender não se trata aí, entre título e subtítulo, de uma relação simétrica, de interpretação espelhada. Mas sim, em vez disso, do apontamento de intercâmbios *entre* história e psicanálise, *entre* ciência e ficção. Daí a escolha no título desta resenha do termo (ao mesmo tempo, um conceito psicanalítico) *deslocamentos*.

história, aventurou-se a lê-lo até seu último capítulo sobre *As escritas freudianas*?⁴ Se essa obra é "repositório principal de sua teorização acerca da disciplina, o que mostra a importância que ele atribuía a Freud em sua reflexão sobre a historiografia"⁵, como ou por que diabos deixaríamos então a parte final de lado?⁶ Esquecemos aí algo elementar.

O próprio título *A escrita da história* é uma evidência da extrema atenção despendida a Sigmund Freud por Michel de Certeau. A expressão – “a escrita da história” (em língua alemã, esta sopa de palavras: *Geschichtsschreibung*) – foi tomada de empréstimo ao psicanalista vienense. Quando escreveu seu ensaio *Der Mann Moses – O homem Moisés*, depois traduzido como *Moisés e monoteísmo*⁷ – Freud a utilizou para tratar especificamente da historiografia hebraica. Por esse Freud historiador da cultura judaica, Certeau nutria profunda afinidade. De tal maneira sobrecarregada de sentido, essa foi a expressão escolhida para sua reflexão epistemológica sobre história.

Os desdobramentos desses estudos certeuanianos encontram-se em relevo sobretudo nos três ensaios iniciais do seu livro pouco lido *História e Psicanálise*.⁸ Não obstante tenha sido originalmente pensado como um segundo volume de *A escrita da história*. Sobre esses e os demais capítulos – *entre ciência e ficção* – nos debruçaremos



www.revistafenix.pro.br

⁴ *Id.*, *As escritas freudianas*. In: **A escrita da história**. 3. ed. – Rio de Janeiro: Forense, 2011, pp. 307-384.

⁵ GIARD, Luce. "Um caminho não traçado". In: DE CERTEAU (2012), *op. cit.*, p. 12.

⁶ À crítica segundo a qual só nos últimos anos houve mudanças de toda ordem (sociais, culturais, políticas etc.), no Brasil, no sentido da preocupação com questões epistemológicas do “indivíduo” do saber, do “sujeito da linguagem” no campo das humanidades e suas condições de produção, cumpre fazer lembrar que os questionamentos de *A escrita da história* operados por Certeau – obra cuja 1ª edição data de décadas atrás –, e que foram desdobrados em *História e psicanálise* (1ª ed. brasileira: 2011), muito se aproximam e mesmo dialogam com as proposições filosóficas às “Ciências humanas”, particularmente à *História*, realizadas por Michel Foucault, numa obra lançada ainda em 1981 por aqui: **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas [1966]. 8ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

⁷ FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Imago, 1987, vol. 23, pp. 19-161.

⁸ Desde que fora lançada a 1ª edição (2011) da obra, no Brasil, até hoje, na área de história – realizada uma breve pesquisa na Internet – pude evidenciar a existência de apenas três resenhas, a saber: CAMARGO, Maicon da Silva. Certeau, **Aedos**, n. 13, vol. 5, ago./dez. 2013, p. 294-298. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/viewFile/42226/28057> – Último acesso: 18/7/2017; COSTA, Raul Max Lucas de. Michel de Certeau: entre a história e psicanálise, **História da historiografia**, Ouro Preto, número 10, dezembro 2012, p. 294-299. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/viewFile/459/327> – Último acesso: 18/7/2017; PINTO, Aline Magalhães. Um historiador e suas travessias, **Topoi**, v. 13, n. 24, jan.-jun. 2012, p. 196-201. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/topoi/v13n24/1518-3319-topoi-13-24-00196.pdf> – Último acesso: 18/7/2017.

agora.⁹ Porém se François Hartog escreveu isto que escreveu, ali pelo final de seu *Evidência da História* sobre Certeau: "Transformá-lo em objeto de estudo, resumir suas ideias principais, interpretá-lo, atribuir-lhe um lugar, historicizá-lo, eis o que não posso fazer, nem tenho o desejo de fazer"¹⁰, temos aí uma ideia do possível a realizar por aqui.

Esquemáticamente, podemos pensar a estrutura da obra em blocos e unidades. O capítulo I – *A história, ciência e ficção*, II – *Psicanálise e História* e o III – *O romance psicanalítico. História e literatura*, juntos, incidem de modo particular e evidente ao entremeio História-psicanálise. Já os capítulos IV – *O riso de Michel Foucault*, V – *O sol negro da linguagem: Michel Foucault* e VI – *Microtécnicas e discurso panóptico: um quiproquó* compõem um subconjunto sobre a obra de Michel Foucault (1926-1984), amigo admirado por Certeau. Os dois capítulos seguintes, VII – *História e estrutura* e VIII – *O ausente da história* são, certamente, os textos de perspectivas mais distanciadas em relação à psicanálise, mas foram acrescentados a esta edição brasileira, por Luce Giard, pois, em suas palavras, dão “uma introdução pertinente para alguns dos temas abordados nos últimos capítulos desta coletânea”.¹¹ Os últimos capítulos são: IX – *A instituição da podridão: Luder* e X – *Lacan: uma ética da fala/palavra [parole]*, esta última solicitação de Pierre Nora, em 1981, pela morte do psicanalista J. Lacan (1901).

UMA ESCRITA SENSÍVEL AFETADA PELO “OUTRO” DA HISTÓRIA

A historiografia em sua ambição neurótica de dizer o real personifica Ulisses no afastamento a qualquer custo da sereia da ficção, em todas as suas modalidades: “míticas, literárias, científicas ou metafóricas”. A ficção é o falso que configura, por essa ilógica, o “suposto saber” (expressão tomada de empréstimo a Freud) ao terreno próprio de um discurso verdadeiro da história. Os debates sobre história e literatura ilustram muito bem essa rejeição. Deixar-se seduzir pela sereia revelaria uma história outra. Uma historiografia, discurso do real, não pode assumir que esse lhe faz falta. A ficção é como um alvo ao historiador, sua ferida aberta, como escreve Certeau, “uma

⁹ A história textual, digamos, os “bastidores”, sobre a produção original de cada um dos capítulos que compõem a obra encontra-se descrita em: GIARD, Luce. In: DE CERTEAU (2012), *op. cit.*, pp. 7-44.

¹⁰ HARTOG, François. Epílogo - Michel de Certeau (A escrita da viagem). In: **Evidência da história**: o que os historiadores veem. 1. ed. 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 255.

¹¹ GIARD, Luce. In: _____. CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise**: entre ciência e ficção. 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012., *op. cit.*, p. 40.

lesão do discurso ‘realista’, ruptura do acasalamento, pressuposto por ele, entre as palavras e as coisas”. A ficção diz de uma coisa para manifestar outra. É metafórica.¹²

Daí o desejo de não identificação do historiador e seu esforço para exorcizar de seu discurso a ficção como deriva semântica. Porém esse “real” produzido pela historiografia guarda relações e constitui o legendário da instituição que é seu elemento *ob-sceno* (isto é, fora de cena). O tempo do intérprete organiza as representações do outro (um passado). Essa obscuridade visa a suas características políticas *atuais* e à cisão entre sujeitos e objetos do conhecimento. Mas é possível olhar de outro modo: um tempo reencontrado na historicidade da própria historiografia presume a renúncia a um discurso do real e retorno do recalcado da ficção como “heterologia”. Esse novo olhar, essa razão *outra* pode configurar “o índice de um estatuto epistemológico próprio e, portanto, de uma função e de uma cientificidade a serem reconhecidas por si mesmas.”

É assim que nessa nova epistemologia da história o impensado do tempo retorna em sua ambivalência e afeta o lugar do saber, ou de suposto saber, *desidentificando* o lugar. O sujeito do saber, ele próprio, passa a ser “dinâmica da diferença, historicidade da não identidade a si”.¹³ Lugar historicizado pelo tempo; simbolicamente, retorno do “outro”. Os investimentos do sujeito retornam pela via de uma “estilística dos afetos”, com Freud, por meio de um “renascimento da retórica” e suas representações das formações do inconsciente (*i.e.*: sintomas, chistes, atos falhos, sonhos etc.). As figuras de linguagem (*i.e.*: metáforas, metonímias, sinédoques etc.) são assim retiradas ao “gueto” literário para o qual foram destinadas pela *epistème* moderna e ganham pertinência histórica. Para Certeau, “a análise freudiana [...] mostra os jogos contraditórios que se desenrolam no mesmo lugar, entre o que se manifesta e o que se oculta aí; ela diagnostica o equívoco e a pluralidade do lugar.”¹⁴ É por esse motivo que Freud vai nomear ao trabalho que escreveu sobre Moisés como um “romance histórico”.

Em sua escrita da história Freud diz qual sua reação afetiva em relação ao “outro”, sujeito ou documento em análise: “ele fica perturbado diante de Dora, assustado pelo *Moisés* de Michelangelo, irritado pelo Jeová bíblico, etc.”¹⁵ Explicita que

¹² CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise**: entre ciência e ficção. 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. In: A história, ciência e ficção, *passim*.

¹³ Ibid., p. 67.

¹⁴ Ibid., p. 102.

¹⁵ Ibid., p. 104.

o lugar do locutor é especificado pelo afeto. Faz retornar, desse modo, a historicidade antes abnegada em nome de um discurso objetivo de uma ciência positivista. É preciso dizer que além desse lugar afetado, desde seus inícios a psicanálise aparece como histórias de casos clínicos: biografias romanceadas (estéticas) anti-individualistas. O discurso da análise torna-se, propriamente, ficção, sem medo de dizer esse nome, *confissão* de subjetividade: um saber afetado por seu “outro”. Em Freud, “o estilo diz respeito à enunciação – ou a *elocutio* da antiga retórica: no texto, ele é o traçado do lugar de sua produção, remetendo a uma teoria dos afetos e de suas representações.”¹⁶

A psicanálise reconhece um passado no presente. Isso diz das suas operações que são da ordem “da imbricação (um no lugar do outro), da repetição (um reproduz o outro sob uma forma diferente), do equívoco e do quiproquó (o que está ‘no lugar’ de quê?).”¹⁷ Nessa *noite dos mascarados*¹⁸, de fantasmas, fantasias, um passado recalado (como Hamlet-pai, em *Hamlet* de Shakespeare) retorna, sob outra forma (um fantasma; um sintoma), num cenário atual, como Lei – espanto do “outro”, em J. L. Borges¹⁹ – à qual deve o presente (Hamlet; Borges) obedecer (vingar). Um *duplo* organizador.

Já a historiografia trama essa relação entre passado e presente, de modos distintos. Estabelece uma diferença instauradora de hierarquias pela operação do “modelo da sucessividade (um depois do outro), da correlação (maior ou menor grau de proximidade), do efeito (um segue o outro) e da disjunção (um ou o outro, mas não os dois ao mesmo tempo.” É bem menos poética em sua vã exclusividade à ficção. Entretanto, ambas, psicanálise e história partem de certas condições de produção semelhantes, de certo “terreno de questões análogas”, como escreve Certeau. E sobretudo, têm na narrativa “a forma privilegiada [...] ao discurso da elucidação.”²⁰

¹⁶ CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise**: entre ciência e ficção. 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 106.

¹⁷ Ibid., p. 73.

¹⁸ Brinco, neste ponto da resenha, fazendo alusão à composição musical, de 1966, de Chico Buarque, cujas enunciações remetem a um quiproquó entre um “eu” e um “outro” no qual já não se sabe mais a quem (ou a que “outro”) ou mesmo quem se dirige a quem, como no verso seguinte: *Quem é você, diga logo que eu quero saber o seu jogo* (Cf. HOLLANDA, Chico Buarque. *Noite dos mascarados*. In: **Chico Buarque de Hollanda**. Rio de Janeiro: RGE, 1966. Volume 2. Faixa 1 (2 min 56)).

¹⁹ BORGES, Jorge Luis. O outro. In: **Livro de areia**. São Paulo: Globo, 2001, pp. 7-16.

²⁰ DE CERTEAU, Michel. **História e psicanálise**: entre ciência e ficção. 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, *op. cit.*, p. 73.

Dessas relações relativas, portanto, quais as conseqüências possíveis de serem retiradas a um aprendizado: o que Sigmund Freud, em seu trabalho de elucidação narrativa, pela análise, teria a dizer que venha a subverter ao ofício de historiador?

Ele [Freud] modifica o “gênero” historiográfico ao introduzir nele a necessidade, para o analista [historiador], de *marcar seu lugar* (afetivo, imaginário, simbólico). Ao transformar essa explicação na condição de possibilidade de uma lucidez, ele substitui, assim, o discurso “objetivo” (aquele que visa dizer o real) por um discurso que assume a figura de “ficção” (se, por “ficção”, entende-se o texto que declara sua relação com o lugar singular de sua produção).²¹

ESTUDOS FOUCAULTIANOS DE UM ADMIRADO CERTEAU

Foucault considerava-se sobretudo “um leitor”, passo essencial à *desidentificação* como intelectual bem posicionado, ou fosse o que fosse, relativamente aos saberes e *seus* poderes. Com isso, buscava transbordar o pensável a fim de “pensar diferentemente”. O brilho de um estranhamento desvelado por seu riso caracterizava uma “prática [intelectual] do espanto”. Com seus “mapas” ou “romances policiais”, como considerou Certeau aos livros de Foucault, engendrava novas maneiras de pensar, pela frustração dos saberes constituídos. Procurava elucidar uma “outra dimensão” de discursos, operando histórias debochadas de seriedade moral e ou pedagógica. Desejava evidenciar a própria história *que se conta*, à revelia das intenções do “ser intelectual”.²²

Na interpretação de sujeitos-objetos de investigação é sugestivo um “estilo óptico” (ou “panóptico”, em *Vigiar e Punir*²³) de seus escritos, *quadros de diferença* – espécies de *trompe-l'œil*²⁴ – em que citações textuais ou imagéticas configuram “sóis negros” de suas teorias, deslumbramentos do “brilho de outro”. Assim, no seu pensar diferente, inventa espaços a novas problemáticas. Ensaios. Histórias que são menos ideias pessoais de um autor do que aquilo mesmo que “a própria história dá a ver”. À

²¹ CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise**: entre ciência e ficção. 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 75.

²² Ibid.

²³ Ibid.,p. 151-162.

²⁴ Pintura que, por artifício de perspectiva, vida criar ilusão de objetos reais em relevo.

figura do intelectual é conferida certa “incompetência técnica”. Trata-se de uma história referente a “práticas intelectuais”, “maneiras de exercer o poder”. Labirinto dos usos.²⁵

Atento a isso, Certeau debruça-se ao que na produção e circulação de um saber, para Foucault, no poder, encontra-se sua autoridade. Um esforço para pensar as operações de poder imbricadas nas práticas intelectuais. Racionalidades cuja força busca representar a “dupla ameaça” da “massa popular”, sempre um transbordamento insustentável, inapropriável, inominável do “oceano silencioso” da multidão contra os “laboratórios intelectuais”; e da “questão da verdade”, cujas características são semelhantes, que irrompe do “não especialista” sempre como uma dúvida a transgredir verossimilhanças de determinados círculos de coerências aceitas. Foucault *sabe* que o bem posicionado intelectual opera transformando as irrupções da massa popular em “verdades” como objetos a partir de um “lugar suportável, apropriável e nominável”.

Pensando com Michel Foucault, *Les Mots et les Choses (As palavras e as coisas*, obra lançada em abril de 1966) mereceu um comentário desdobrado por Certeau. O brilho do estilo foucaultiano parece trazer o contraste entre “efeitos de superfície” e o “subsolo” latente, epistemológico, na própria relação do conteúdo com a forma do livro. Gesto irônico. Faz ver a “razão” oculta pela homogeneidade da ordem como alteridade. “A linguagem”, pensa aí Certeau, “fala à revelia das vozes que a enunciam.” Aparece um novo subsolo, uma outra possibilidade de *episteme*. Diferentemente. O equívoco, ou aquilo que da própria razão e de seu subsolo ignoramos, cumpre então um papel tão *fundamental* (termo apreciado por Foucault) como, por exemplo, o “ato falho”²⁶ para a psicanálise. Esse *outro* é uma verdade *interna* – ao sujeito na linguagem, sua própria morte. O discurso filosófico anuncia essa “inquietação” na linguagem da própria racionalidade. Um “sol negro confinado na linguagem e que, à sua revelia, a queima”.²⁷

²⁵ CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

²⁶ Entre outros exemplos, ver: FREUD, Sigmund. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana: esquecimentos, lapsos da fala, equívocos na ação, superstições e erros. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Imago, 1987, vol. VI.

²⁷ CERTEAU, Michel. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

Essa “arqueologia” das ciências humanas de Foucault presume algumas questões de método.²⁸ Há aí uma espécie de “análise *estrutural*” cujas relações entre pensamentos encadeados numa “organização do sentido” faz do próprio método o significante de um significado não enunciado – ou “impossível de enunciar”. Uma explicação surge da valorização das relações entre ideias que articulam a inteligência de uma proposição. Uma atenção está às voltas não com as semelhanças e transforma as diferenças no princípio de rigor distintivo a uma interpretação foucaultiana. Essa nova razão apresentada, a partir disso, acontece por uma maneira de “ser da linguagem” significado pelo “sistema de palavras”. Essa contradição oculta revela uma estrutura de experiência histórica. A clássica noção de “periodicidade” é aqui redimensionada em “descontinuidade”. O que se pretende pensar são as condições de possibilidade dos campos epistemológicos a partir de “falhas do tempo” que desautorizam ao pensamento atual a configuração, por crença, como verdade do que precedeu. Foucault insiste nesse deslocamento do subterrâneo pela “falha” que questiona um *a priori* histórico.²⁹

Essa é a *diferença* dos equívocos da continuidade em sua “arqueologia”. Ruptura que formula filosoficamente uma questão: a possibilidade da verdade. Uma impostura. Atos *falhos* em suas intenções. Assim as identidades entre palavras, conceitos, modos de pensar, ao longo do tempo, são inquiridas, pois as palavras não designam então as mesmas coisas: a “loucura” não é a *mesma* nos séculos XVII, XVIII e XIX. A continuidade é dirigida pelo “modelo dos contrassensos”. A verdade é evidenciada como “uma relação de outro com outro”. Certeau nos nota: “A ambiguidade da comunicação remete a uma ‘inquietação’ que estabelece a continuidade da história e a descontinuidade de seus sistemas: a diferença.”³⁰ A história *se faz*, legível nas rupturas.

Cada tempo epistemológico traz *em si* uma alteridade na própria natureza da linguagem. A distinção entre as intenções da consciência e uma linguagem revela o “pensamento do exterior”. É colocado aí em questão o *Cogito* do “eu sou”, traído por sua *imprópria* linguagem no latente manifesto de seu “exterior” (o *outro*) que faz

²⁸ Os problemas de método dessa “arqueologia” foram trabalhados pelo filósofo, depois, em outra obra: FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. – 7. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

²⁹ CERTEAU, Michel. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

³⁰ *Ibid.*, p. 144.

“desaparecer” o sujeito que fala. Daí, a anúncio de Foucault – perpassada por um riso nietzschiano – sobre a “morte” do homem. Digo, de um conceito historicamente recente de “homem” pelo positivismo das ciências humanas. Esse impensado, porém, ironiza o provocativo Certeau, configura a mesma dimensão de tal discurso filosófico: “falar da morte que serve de fundamento a qualquer linguagem ainda não é enfrentar, mas talvez evitar, a morte que atinge esse mesmo discurso.”³¹ Afinal, metodologicamente, não caberia questionar o *a priori* de Foucault: a *episteme* como condição anistórica da história? Sombra oculta que é “um óbice de todo o tamanho.”³²

HISTÓRIAS, “ESTRUTURAS”, AUSÊNCIAS

A experiência histórica, isto é, a prática operatória do *fazer história* envolve, francamente, uma busca de identidade frustrada pela surpresa da diferença própria ao “outro” perscrutado. Verdadeiro impensado de um “território diferente” que *sem querer* aparece “nas latas de lixo da história”. Fragmentos de linguagem que dizem de “regiões silenciosas” guardadas pelos arquivos aos quais recorrem os historiadores. Palavras que referem a uma “situação estranha” - *ausente*. Vestígios do outro que escapam e só nos são oferecidos *em resistências*. Daí, o “nascimento do historiador” e de seu discurso histórico instituído então pela “morte” do que *já era* (“*a passê*”). A história em sua “estrutura” atual e modo de funcionamento é uma “heterologia” (*logos* do outro³³).³⁴

É preciso e, de fato, modifica-se o olhar sobre o passado que aparece, pelas mãos do saber, assim bem diferente do esperado. Eis o “mal-estar” que coloca em questão, diante do desejo de “ressureição do passado” do historiador, como autocrítica, seu problema de uma “apologética inconsciente e pessoal” sobre esse *outro* (um passado). Outro que *torna-se* assim “estrangeiro”, embora já a resistência da estrutura atual de pensamento do historiador – seus preconceitos – desvele suas ignorâncias. A operação historiográfica ensina que há certas resistências estruturais *ocultas* em *tal* passado. Essas duas formas do oculto são, pela “verdadeira história”, articuladas num discurso. Precisamente, há passado no lugar em que as resistências evidenciam o que já

³¹ CERTEAU, Michel. **História e psicanálise**: entre ciência e ficção. 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. DE CERTEAU (2012), p. 148.

³² Ibid, p. 149.

³³ Ibid., p. 181.

³⁴ Ibid.

não existe. A “estrutura” é um conceito que, à semelhança da “resistência”, traz à luz uma *diferença* apresentada pelo trabalho histórico entre um presente e *seu* passado.

As diferenças revelam as discontinuidades entre estruturas particulares em cada tempo. “Efeitos” de encontros e “instrumento” a partir dos quais pode-se compreender esse *outro*. Um passado, fruto de um método, que está ligado à descoberta de uma *diferença*. Compreender o que é “estranhamente familiar” (expressão cara à psicanálise) ou representar uma alteridade só nos é possível a partir de uma “prática de separação” que constitui nosso presente. A coerência oculta que organiza os documentos e se nos oferece com resistências estruturais de outrora implica a consciência social de um lugar próprio de produção do conhecimento. Sempre uma nova estruturação do presente determina a compreensão de um passado. Essa espécie de “ancoradouro inicial” é a condição de possibilidade estrutural para pensar tal *ausente* no heterogêneo *outro*.³⁵

Tais “falhas” estruturais entre as fontes e nós, historiadores, criam uma problemática sobre a evidência (postulada à partida) de uma homogeneidade necessária à compreensão. São, portanto, as discontinuidades expressas pelo discurso histórico que instauram “unidades” em que podem ser entrevistas outras formas de estruturação. Pensar “estruturas” é problematizar a relação entre um discurso histórico com suas condições de possibilidade; entre qualquer ciência e seus postulados epistemológicos. Assim, “nunca é possível desvencilhar-se de uma arqueologia, mas reservar-lhe um lugar nesse discurso histórico é permitir ao presente compreender-se a si mesmo como diferente e, no entanto, como situado em uma continuidade”.³⁶ É operar deslocamentos.

BEM-VINDO AO REAL INEXISTENTE “ALÉM DO QUE DEIXOU DE APARECER”

Hamlet pressupôs que havia “algo de podre no reino da Dinamarca”. A partir dessa metáfora – ou seria uma metonímia? – Certeau problematiza, por intermédio de uma “revelação schreberiana”, um entremeio de duas experiências genealógicamente ligadas: a mística e a psicanálise. No relato de Paul Schreber – que Freud analisara com sua teoria – faz ver “a palavra podridão (Luder)”. Como marca uma nota no texto, sua tradução, a *Luder*, pode ser “perversão” ou ter o sentido do apodrecer de um “lixo”.

³⁵ CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 177.

³⁶ Ibid., p. 177.

Certeau propõe que meditemos (*engulamos*) esse “lixo” que nomeia o podre *no* nobre. Sua narrativa nos é apresentada numa história comparativa. Observa que tanto na psicanálise quanto aos místicos, um nome próprio (“*seu lixo!*”) impõe ao sujeito o não conhecido do desejo do outro, atribuição recebida já no interior de certo “romance familiar”. Há aí um reconhecimento de lugar pelo nome numa família; uma adoção.³⁷

Lido por Certeau, Schreber faz o historiador atentar-se às tradições-transmissões dos saberes pelas instituições (nobres) que nomeiam o podre (“lixo”) dos sujeitos articulados em seu interior, por certas práticas regulamentares. Esse sujeito “sob o signo da dejeção” instituído por um discurso verdadeiro aparece numa dessas “rotinas políticas” particulares: a tortura. A confissão, à força, de uma perversão faz o sujeito aceitar o discurso de um Estado que o nomeia como “lixo”. A vítima incorpora essa *voz* da “safadeza” que o próprio carrasco não confessa para não desautorizar *sua* instituição. Uma “confissão desmentida”. *Voz* escutada e recalçada que “só pode ser o outro” da podridão. A reafirmação da instituição se dá pelo que se oculta do seu fundamento. Isso garante suas “filiações”, em cujas adoções esse “outro” só aparece como “inimigo”.³⁸

Esse é o “jogo das instituições”. Há resistência possível a *isso*? De um tipo muito particular. A questão é que, talvez, “não haja real além daquilo que deixou de aparecer”. Mas algo “do real” sobrevive na resistência do torturado, à força de *sua* nomeação. Trata-se daquilo que escapa à percepção da “instituição da podridão”. Essa resistência surge *de fora*, do *nada* que (não) pertença ao sujeito que possa ser percebido *nele*. Como dirá Lacan, há o Outro, por uma “intimidade da Exterioridade”. Aquilo que seria uma *ex-timidade*. Ou aqui: *r-ex-istência*, uma existência outra. De fora. Como uma memória das lutas, apesar dos “ruídos dos suplícios”, dos outros envolvidos pelo “silêncio da cólera humana”. Isso tudo configura-se assim na psicanálise, e à “viagem mística” cujo *a priori* é “o que excede” ao sujeito como não identidade, como *outro*.

O reconhecimento de (um significante) *Deus* é, aí, o que “ex-iste”, aos místicos, como “fragmento de realidade”. Há uma consequência à história: numa leitura lacaniana de Certeau, sobre essas questões, toda “verdade” (neste caso, da instituição) possui uma “estrutura de ficção”. Em seu “jogo” alberga a podridão e a designa. Não é à toa que, na intimidade de corredores institucionais, uns e outros se referem pela

³⁷ CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, *Luder, passim*.

³⁸ *Ibid.*

expressão amigável “velho safado”, reveladora de uma “verdade” de companheirismo. Esse expediente interno é o que torna possível, publicamente, “um discurso do, e sobre o, Outro.” Podre.

“Eis o que seria encontrar na instituição, simultaneamente, a seriedade de um real e a derrisão da verdade exibida por ela.” Na psicanálise, na mística... e na história.

LACAN, DEFINITIVAMENTE OUTRO³⁹

Finalmente, há (d)o Outro (uma fé). É preciso dizer que nesta obra, *História e Psicanálise*, de Michel de Certeau, ao problematizar o “entremeio” (*entre-deux*) dessas “ficções científicas” que são a história e a psicanálise, pontualmente, nos é explicitado um “lugar” – um olhar sobre as questões a partir de uma orientação lacaniana. Certeau foi não apenas próximo a Jacques Lacan (1901-1981) como, também, um dos membros que, junto desse *último freudiano*, contribuiu à fundação da École Freudienne de Paris em 1964. Lacan porém, como em tudo, simbolicamente fazendo *retornar* ao “pai” Freud – um outro solit(d)ário? –, produziu a certo termo uma marca (psíquica) de ausência, seu “traço unário” como dirá em sua obra, ao decidir como fundador pela dissolução dessa mesma comunidade em 1980. Como um Sócrates do século XX, o ultimíssimo Lacan já havia despertado em seus seguidores, num derradeiro *Seminário*, que cabia ser-lhes no futuro, conforme ao desejo, lacanianos, mas ele mesmo seria para todo sempre, freudiano.⁴⁰ Certeau, em um gesto que em nada obliterava sua admiração pelo *mestre*, foi um dos que tentara opor-se, judicialmente, ao fim daquela instituição.⁴¹ Lacan morre um ano depois. Certeau, em 1986. Nesse “entremeio” escreveu seu *Lacan: une éthique de la parole*, que dá uma dimensão da posição de Lacan na história da psicanálise, após 1960. Retrato cuidadoso em homenagem ao, definitivamente, Outro.

As partidas, a solidão instituída pelo sujeito, sua “prática de separação” criam um espaço para sua política, uma “ética da fala”. *Lacan*, esse nome próprio, designa

³⁹ Em Lacan, há distinção entre “Outro” e “outro”. O “grande Outro”, podemos dizer, trata-se do inconsciente, ou melhor, do sujeito (da linguagem) desde o inconsciente. Já o “pequeno outro” é representado, propriamente, pelo outro do discurso a quem nos dirigimos num diálogo. Daí, em vários trechos dessas linhas que seguem, um “Outro” e um “outro” aqui e acolá pressupõem esse entendimento.

⁴⁰ ROUDINESCO, Elisabeth. **Jacques Lacan**: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

⁴¹ GIARD, Luce. In: DE CERTEAU (2012), *op. cit.*, pp. 29, 41.

uma “retórica de subtração”. Faz questão, em seu percurso, de desdenhar do “código social” até de sua própria instituição psicanalítica à sombra de seu “retorno a Freud”. Sua fala, seu *Escritos*, apresentam um estilo elíptico que não permite compreender aquilo que *fala* em “seu ensino”, nos *Seminários*. Sua ética é da ordem da não negação do próprio desejo, esse *outro* do sujeito que pertence a lugar nenhum, ou melhor, a um não-lugar. Desloca-se. Sua política de fala *diz* a todo instante: “não é isso”. Lacan é Outro, como o “Eu” na carta a Izambard, de 13 de maio de 1871, escrita por Rimbaud⁴². Sua obra é, na realidade, “efeito da retirada que servia de suporte para seu *dizer*”.⁴³

Na leitura cereteuniana busca-se identificar o “ato” que faz desse discurso, ao longo do tempo, já dissolvido, “ab-soluto na multidão”, uma ética da palavra. Ao seu “ensino”, Lacan dispõe, por deslocamentos institucionais sucessivos, de um “lugar próprio”. Um “rito teórico”. Isso não deixa de ser uma redução da experiência psicanalítica a “ser identicamente *ato* e *teatro* – uma fala”. Nos *Seminários* (desde 1964), “o ator trabalha”. O público acumula-se transbordando pelas portas. Muito além do que é dito, revela-se um estilo cujas “tatuagens da fonação” – ruídos, tosses, resmungos – compõem parcialmente a “cadeia das palavras” “para o outro”. Essas “marcações corporais” *dizem* o que, nesse endereçamento ao outro, se lhes é ignorado.

Há uma “mímica”. Mas Lacan fala como a seus próprios botões, deixando perder-se nesse *corpus* de suas palavras, sem esperar que do outro retorne senão uma reviravolta de uma imagem de si. Não há, portanto, uma “histerização do ator”, um “fazer-se um corpo para o outro”. Essa experiência analítica é “dialética”, mas tanto ou quanto dois jogadores de Tênis em cuja quadra a rede ao centro não passe, na verdade, de uma parede de vidro que faz retornar-lhes seus próprios saques, com a força exata desses mesmos endereçamentos ao Outro. Há no Outro o “verdadeiro” sentido da fala – uma falta. Esse “fracasso fundamental” – o “ato falho” para Freud – desvela a ética do sujeito. A “arte de sorrir” de Lacan, diante disso tudo, representa a “arte de [se] perder”.

Há uma poética literária no “estilo” (sempre um “corte”) de Lacan que marca seu espaço próprio. À maneira de Freud, Lacan permeia sua *fala*, seu *Escritos* pela “prática literária” (lendo Sófocles, Shakespeare, Sade, Joyce, Rimbaud etc.) que planta

⁴² RIMBAUD, Arthur. Carta a Georges Izambard. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 154-163, Jan. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2006000100011>>. Último acesso: 28/6/2017.

⁴³ CERTEAU, Michel de. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

na linguagem o que, “por incapacidade de ser *dito*, abre aí um *dizer*.” Na relação que busca estabelecer entre psicanálise e ciência, uma aliança ao surrealismo é revelada. “Essa água sonora espalha-se da paisagem sintática em que ela insinua os deslizos, delícias e delírios de um não-sabido.” Elementos que caracterizam a atenção flutuante da escuta do analista que está aí “precisamente para entender os murmúrios e as vicissitudes dessas outras linguagens”, “vozes ocultas” – atos de *diferença* significantes.

Por essas “operações alterantes”, Lacan busca instituir uma “lógica ‘metonímica’”. Deslocamentos em sua *fala*, pontos de virada. Uma retórica outra que não se reduz aos “modos” (tropos) de ornamento de um texto, “gravando aí o que o sujeito *pretende* do outro”. A Literatura, nesse sentido, funciona como um trabalho sobre o “elemento da impostura”. É o que traça uma “verdade” simbolizada por uma “mentira” que representa aí mesmo o impossível. Isso é o que “o artista que precede” a qualquer análise realmente faz: nos leva da impotência ao registro do impossível. Para Certeau, “esses traços literários são os gestos de uma teoria”. Uma “linguística da fala”, como dirá Roland Barthes. A psicanálise *torna-se* então prática literária da linguagem.⁴⁴

O analista é *nada* para o analisando, é “suposto saber”. É precisamente o analisando quem trabalha interpretações. O analista é, portanto, apenas “lugar” de retorno do discurso do sujeito. Assim o lugar suposto saber *desidentificado* pelo analista é condição para o “retorno do recalcado”, aparição do fantasma do Outro. A regra de contracena nesse “teatro do saber” que configura uma interpretação que vem do analista só faz surgir aquilo que há de acaso – de *significante* – nos processos de *significação* no analisando. Isso é o que pode criar condições para que esse sujeito da linguagem num ato ético venha avir-se de seu desejo pela própria impostura que lhe impõe sua história.

É isso, precisamente, o que constitui uma política (ética) da *fala em e de* Lacan. Essa ética da psicanálise (em Lacan a própria psicanálise é vista como – experiência – ética) tem a ver com o ato da não renúncia ao próprio desejo. Daí, sua leitura da “figura ética” de *Antígona* de Sófocles, no seu *Seminário* mais “ético” (nesse mesmo sentido), ensino proferido entre 1959-1960. Pela observação dessa “política da fala” é que Certeau elabora, depois da morte do *mestre*, que a dissolução por Lacan em 1980 da própria instituição fundada, a *École Freudienne* de Paris, compôs sua “retirada” da cena de uma “filiação” pelos seguidores, numa expressão *atuante* da *fala em* acordo com sua

⁴⁴ CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

ética: “Ele continuava ‘falando’ ao separar-se desse objeto de amor”. A ética da fala em Lacan ab-nega toda forma de identidade (um *não é isso*) alienante ao sujeito. Exatamente por isso, como pontuei acima no início, ele dizia se, conforme ao desejo, sejam vocês lacanianos, pois ele, Lacan, seria para todo sempre *seu* retorno *de* Freud.

RECEBIDO EM: 27/09/2016

APROVADO EM: 13/06/2017



www.revistafenix.pro.br